

# ARTIGOS

## PAPINI E ELIADE

JOÃO BIGOTTE CHORÃO\*

AO CONTRÁRIO do que aconteceu quando da sua morte em 1986 (escassamente noticiada na nossa imprensa), não passou de todo despercebido em Portugal o centenário de Mircea Eliade, que entre nós viveu de 1941 a 1945, no exercício de funções diplomáticas.

O seu *Diário Português*, entretanto descoberto entre os seus papéis e publicado só em 2001 por uma editora espanhola, veio ressuscitar aquele período dramático, tanto no plano colectivo como no plano individual. Era a guerra, a incerteza sobre o seu desfecho, a angústia quanto ao futuro da Roménia e quanto ao futuro de Eliade.

Este *Diário* não é mais um título na vasta bibliografia eliadeana, aliás rica de literatura diarística e memorialista, porque é um título fundamental na obra do escritor romeno, como documento humano e documento histórico. Que ele próprio tinha consciência da importância desse *Diário* di-lo em carta a um leitor português, adiantando que um dia seria publicado. Ou pelo menos uma selecção, prevendo certa-

\* Crítico e ensaísta. Fundamental, na juventude, a leitura de autores da *Voce* – Papini, Prezzolini, Soffici, Cecchi. Mais tarde, o encontro com a despojada poesia, densa de sentido, de Ungaretti. Sobre estes e outros escritores contemporâneos escreveu verbetes para a *Enciclopédia Verbo*. Para uma edição de *Cantos* escolhidos de Leopardi, redigiu um prefácio. Em 1984, participou, com David Mourão Ferreira, em mesas-redondas sobre literatura portuguesa contemporânea, em Roma, Bolonha e Milão.

mente as reacções que suscitaria. Na Roménia, sobretudo, as reacções não foram poucas nem pacíficas: trata-se, na verdade, de um livro politicamente incorrecto...

Para nós, o *Diário Português* tem um particular interesse, como uma imagem de Portugal daquela época e do que o autor pensava a nosso respeito. Alguns, que o leram na tradução castelhana, não tardaram a reagir desfavoravelmente, por certos juízos negativos de Eliade, esquecendo o que de bom e positivo diz de Portugal e dos portugueses. Nós, que temos o vizo de pensar mal de nós próprios, não aceitamos porém que estrangeiros nos belisquem.

Se as livrarias de Lisboa não são as de Paris, se a nossa vida cultural não é a de França, não foi na capital francesa que Eliade conheceu alguém como Ortega y Gasset: foi aqui, e em casa de António Ferro. E foi aqui que conheceu e conversou com Reynaldo dos Santos, um humanista que, em Madrid, lhe recomendara Eugenio d'Ors. Chegado a Portugal, Eliade, que já conhecia Camões como o poeta que lhe abriu as portas do Oriente, interessou-se pela Geração de 70, principalmente por Eça de Queiroz. Algumas notas do *Diário* mostram que leu autores contemporâneos – Torga (onde encontrou uma preocupação que era também a de escritores romenos – a da universalidade da língua), Vitorino Nemésio (que ofereceu *Mau Tempo no Canal* “ao núncio da latinidade oriental”), Paço d'Arcos (que n' *O Caminho da Culpa* aborda um drama em que Eliade revive o seu – a dolorosa morte da mulher amada).

A evocação de Mircea Eliade em 2007 deve-se em boa parte à iniciativa do recém-criado Instituto Cultural Romeno, que promoveu um colóquio sobre a obra eliadeana e conseguiu o descerramento de uma lápide comemorativa no prédio lisboeta em que o escritor viveu, na Avenida Elias Garcia. Homenagem semelhante já em 2001 lhe prestara o Município de Cascais, assinalando a última casa em que ele vivera em Portugal, na Rua da Saudade.

Escritor fecundo, leitor compulsivo, um dos autores que leu nos anos de formação foi Papini – o Papini maior de *Un uomo finito* (*Un om sfarsit*, na tradução romena de 1923). Foi um amigo que lhe aconselhou esse livro, porque via nele um retrato em que se reconheceria o próprio Mircea, com a sua imensa curiosidade intelectual, a sua necessidade de intervenção cultural, a sua febre publicística. De Papini já conhecia a *História de Cristo*, que muita gente leu naquele tempo, mas não conquistou o jovem Eliade, que sentiu um choque – essa a palavra que ele usa – com a leitura de *Un uomo finito*. Razão tinha o amigo de Eliade em recomendar-lhe esse livro. Era um livro assim que gostaria de escrever, tanto se identificava com ele, e não “perdoava” a Papini ter-se-lhe antecipado. Como a geração de Papini, a de Eliade era igualmente rebelde, queria abrir o seu próprio caminho, repudiando a herança oitocentista dos pais e dos professores, com o seu positivismo, o seu cientificismo, o seu naturalismo.

Para quem, como Eliade, se deslumbrava com o *opus magnum* de que são exemplo o *Fausto* de Goethe e a *Guerra e Paz* de Tolstoi, a ideia de Papini de um *Giudizio universale* e de um *Rapporto sugli uomini* – só parcialmente realizada – era mais um traço a aproximá-lo do autor de *Un uomo finito*. Mas não menos o atraíam aqueles livros menores, *Stronature*, *Ventiquattro cervelli*, *Maschilità*, pela tessitura rápida, a crítica incisiva e polémica, o intuito provocatório. Era a vocação da literatura fragmentária, que escritores de *La Voce*, nomeadamente Soffici, exerceram com admirável estro. Eliade, que em *Fragmentarium* compilou escritos seus dispersos, admirava Eugenio d'Ors e Unamuno também “pelos seus defeitos, pelo que há de caduco, de fragmentário e até de factual na sua obra”.

Empolgado por *Un uomo finito*, e num rasgo próprio da juventude, escreveu ao autor, apresentando-se como “un jeune étudiant (en philosophie!)” e subscrevendo-se como

um “sauvage admirateur”. Teve ele a boa surpresa de receber resposta de Papini, que o trata por “caro amico sconosciuto”. O mais importante nessa carta é que alude a uma obra em que trabalha – “la confessione generale degli nomini a Dio”. Embora sem a mencionar, outra não é senão o *Giudizio universale* – obra há muito concebida, iniciada, sucessivamente interrompida e retomada, e nunca concluída. Surpreendido pela atenção de Papini, Eliade sentiu-se autorizado a escrever-lhe de novo, abrindo o coração e o espírito, e anunciando uma próxima visita a Itália, onde espera bater à sua porta.

De viva voz, reiterou o que já dissera por escrito: como fora marcado por *Un uomo finito*, de tal modo que receava decalcar esse livro seminal. Tranquilizou-o Papini, dizendo que devemos sempre alguma coisa a quem nos precede. E, muito ao jeito papiniano, declarou que ninguém se parece a ninguém: nem sequer com nós próprios nos parecemos... A conversa entre o escritor preclaro e o escritor *alle prime armi* fluía como um rio, e Papini procurava satisfazer a curiosidade de Eliade, reconhecendo nela o que era também seu – a sede de ler tudo, saber tudo, escrever de tudo.

Nos anos 20 e 30, continuou a acompanhar a actividade literária de Papini, escrevendo na imprensa romena as suas impressões de leitura. Foi depois um período de silêncio imposto pela guerra e pela difícil situação de Eliade, que não mais voltaria à Roménia, condenado, como outros escritores, à dolorosa condição de apátrida ou de exilado.

Nos começos dos anos 50 – já Eliade a viver em Paris e por sua iniciativa –, reata-se o diálogo epistolar com Papini, que não foi longe porque a saúde do escritor italiano não o permitiu. A sua larga, incerta e trémula caligrafia denunciava que perdera o domínio da mão. A carta escrita por seu punho passou a dactiloscrito, em que só a assinatura era manuscrita. Enfim, a própria assinatura vinha escrita à máquina. Quando Papini não estava ainda paralisado e tartamudo, Eliade visi-

tou-o e teve com ele uma longa conversa sobre temas que a ambos eram caros – *l'uomo universale*, o Renascimento, a civilização do Ocidente e do Oriente, a cosmogonia, a demonologia, a apocatástese de Orígenes ou a redenção final da Humanidade.

Se Eliade tratava Papini por “Cher Maître”, ele não era já o obscuro estudante de filosofia romeno que um quarto de século antes entrevistara o autor de *Un uomo finito*. Com o *Tratado de História das Religiões* (que Papini muito apreciava) Eliade conquistara grande prestígio na comunidade científica e os seus livros, nesse domínio, passaram a ser de referência para os estudiosos. Assim, no diálogo com Papini em 1953 – publicado em *Les Nouvelles littéraires* e incluído em 1986, ano da morte de Eliade, na colectânea de ensaios *Briser le toit de la maison/La créativité et ses symboles* – os dois interlocutores se equivaliam na largueza de horizontes e na *coincidentia oppositorum*.

Com a morte de Papini, não cessou o interesse de Eliade pela sua obra e a sua personalidade. Logo em 1956, evoca o escritor desaparecido, num artigo de jornal. E em 1964, numa publicação de exilados romenos – *Cuvântul [A Palavra] in Exil* – um livro do seu compatriota Vintila Horia mereceu-lhe um longo artigo – “Papini visto por um romeno”. O autor de *Dieu est né en exil* publicara um ensaio sobre o itinerário espiritual de Papini que encontrou eco em Eliade, que nas páginas também autobiográficas de Horia se reviu a si mesmo e no seu convívio com a obra e a pessoa do escritor italiano. Ao relembrar nas páginas de Horia o que, a ele próprio, lhe fora dado ver e saber do calvário final de Papini, Eliade cede à emoção. E indigna-se com o que chama “a atonia moral” e “a aridez espiritual” de um povo que não via o que tinha diante dos olhos. Diga-se, em abono da verdade, que uma voz solitária e autorizada – a de Montale – rompeu esse culpável silêncio quando viu no Papini dos últimos anos um Job que sofreu, não apenas com paciência,

mas com coragem moral, provações que lhe ditaram páginas de surpreendente louvor à vida.

Confessando-se “um admirador de Papini”, Eliade conclui o seu texto sobre o livro de Horia com estas palavras entusiásticas: “Papini [...] teria lido com prazer o livro que lhe dedicou Vintila Horia. Que é, antes de mais, o livro de um escritor – não de um erudito ou de um historiador literário. Mas nós, os poucos papinianos que ainda subsistem, dispersos pelo mundo, teríamos desejado um livro duas ou três vezes maior, mais elaborado e mais denso. E dar-nos-ia prazer que fosse escrito por Vintila Horia...” Desafio que Horia não aceitou, absorvido por outras obras, outros temas, outros autores, sem deixar de citar, aqui e além, Papini.

No Diário de Eliade, numerosas as referências a Papini, sobretudo no 1.º volume de *Fragments d'un journal* (1945-1969). Lê a *Vita di Giovanni Papini*, escrita por Roberto Ridolfi com sóbria prosa clássica e notável equilíbrio crítico – ainda hoje a melhor biografia que se publicou sobre o biógrafo de Dante e de Miguel Ângelo. Não escapou também a Eliade *Papini vivo*, uma fotobiografia que retrata as várias etapas da existência de quem foi o feliz retratista de *Passato remoto* e de *La loggia dei busti*, em que foca “uomini di genio, d'ingegno, di cuore”.

Decepção teve-a Eliade com *La seconda nascita*, que esperava ser uma ideal continuação de *Un uomo finito*, naturalmente sem o mesmo *pathos*, mas como testemunho da metanóia de Papini. Desse livro salvam-se, para o escritor romeno, algumas páginas memorialísticas, alguns apontamentos paisagísticos, alguns (raros) momentos onde sopra o vento da poesia. O tanto esperado *Giudizio universale* ficou aquém do que o próprio autor ambicionava, sujeito a tantas vicissitudes ao longo de décadas – planeado desde a juventude, parcialmente escrito, abandonado e logo retomado, com alterações várias, até ficar, apesar da sua dimensão, incompleto. Eliade culpava Papini de dispersão, publicando livros sobre livros,

que outros podiam escrever melhor do que ele, e sacrificando a grande obra para que nascera. Papini foi vítima do seu talento de polígrafo e desse fragmentarismo que o levava a saltar de um tema para outro. E, mesmo assim, quantas ideias para novos livros não foram além de um título, de apontamentos, de algumas linhas ou algumas páginas. Pelo seu *Diário*, ficamos a saber desses projectos e desses esboços.

Eliade, que praticou assiduamente a literatura diarística, entendia que ela devia ser “um instrumento de conhecimento”. Mas os chamados “diários íntimos” são, muitas vezes, um registo de acontecimentos, de simples notas “desprovidas de valor universal”, como acontece no *Journal* de Gide e no de Julien Green. Eliade leu também o *Diário* de Papini, que só entre 1942 e 1952 tem alguma regularidade, e no qual, ao lado de apontamentos de interesse quase doméstico, há reflexões de interesse ecuménico.

Não falta no *Diário* de Papini registo de pessoas, notas ou ignotas, que o visitavam. Omisso, porém, quanto à visita de Eliade em 1953, omissão que se explica por, naquela data, Papini já estar quase impossibilitado de escrever por seu punho. E o diário, por sua natureza “íntima”, é inadequado para ser ditado. Encontramos, no entanto, sob a data de 12 de Março [de 1947], este registo:

“Viene a trovarmi uno scrittore romeno che ora sta a Sansepolcro e vive scrivendo novelle per de riviste italiane e articoli per i giornali americani. Mi dice che la Romania è un ostacolo per il panslavismo sovietico e se dura ancora per mezzo secolo l'occupazione russa il popolo romeno sparirà [...]”.

Não era esse o mesmo temor que Eliade confiava ao seu *Diário Português*? O escritor romeno, não nomeado no *Diário* de Papini, é certamente Vintila Horia, que em 1947 e 1948 viveu nos arredores de Florença e teve oportunidade de visitar várias vezes o escritor florentino. No capítulo do seu livro *Giovanni Papini*, “Contactos pessoais”, Vintila Horia

relata esses encontros e essas conversas. Por Horia, soube Papini, que os conhecia, do destino trágico do professor Alexandre Marcu e do romancista Rebreanu, vítimas do que Eliade chama “o terror da História” – ou seja, “o terror do homem frente ao homem”.

Nas suas Memórias, *Les Promesses de l'équinoxe*, Eliade faz um juízo final de Papini. Depois de um aturado convívio com a sua obra, surpreendentemente Eliade vem negar-lhe o estatuto de “grande escritor” – ele que, embora crítico de alguns livros, nunca pusera em causa os seus dotes literários. Desse balanço negativo, apenas salva *Un uomo finito*, em que reconhece uma das maiores autobiografias espirituais da primeira metade do século xx. Dir-se-ia que Papini, escritor prolífico, é, afinal, *auctor unius libri*.

Para Jünger, mais indicativo do que os livros que se levam para a ilha mítica como companheiros e consolo da solidão, são aqueles que trazemos na viagem de regresso. Para Mircea Eliade, um desses livros seria, sem dúvida, *Un uomo finito*, postos de parte aqueles que, um dia, foram também um alimento estimulante.